



---

## **O fenômeno da inacusatividade no português: por uma análise léxico-sintática dos verbos do tipo *ir* e *chegar***

Cláudia Roberta Tavares Silva (UFRPE)  
Jair Gomes de Farias (UFAL)

**RESUMO:** Este artigo discute a inacusatividade na gramática do português, tomando por base estruturas frásicas construídas com verbos do tipo *ir* e *chegar*. Para tanto, são utilizados dados de introspecção. O principal objetivo deste estudo é contribuir para uma melhor compreensão dos mecanismos léxico-sintáticos envolvidos nos contextos estruturais analisados. Apoiados nos contributos teóricos advindos da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981 e 1986) e da Hipótese da Uniformidade Lexical (REINHART, 2000), concluímos que esses verbos são de dois lugares. Ademais, apresentamos evidências de que verbos inacusativos não formam uma classe homogênea.

Palavras-chave: inacusatividade; português; léxico, sintaxe

### **Introdução**

É fato que há diversas maneiras de se analisar a sintaxe de preposições em estruturas frásicas do português brasileiro (doravante, PB), do português europeu (doravante PE), ou de outras línguas naturais. Dentre as análises mais frequentes relativas ao comportamento lexical, sintático e/ou semântico das preposições, é muito comum já se começar a aventar hipóteses sobre os contextos estruturais construídos com sintagmas preposicionais, tratando diretamente da sua representação sintática. Decidimos, neste artigo, desenvolver uma análise sobre os argumentos preposicionados encabeçados pelas preposições *a*, *para* e *em* em estruturas frásicas com verbos do tipo *ir* e *chegar* na gramática do português, verificando, primeiro, por quais mecanismos estruturais se instaura o traço categorial desses verbos. Dentre as questões, destacamos as mais relevantes, o que significa afirmarmos que elas foram a mola propulsora para as considerações que tecemos logo a seguir: formam os verbos inacusativos uma classe sintático-semântica homogênea? São os verbos do tipo *ir* e *chegar* monoargumentais? Qual o estatuto do PP (do inglês *Prepositional Phrase*) em estruturas frásicas com verbos considerados inacusativos de movimento/localização? E o do DP (do inglês, *Determiner Phrase*) argumento?

A propósito das questões acima apresentadas e suas implicações para a caracterização do traço categorial dos verbos inacusativos, apresentaremos na seção 1 a perspectiva sintática da Hipótese Inacusativa segundo as assunções de Burzio (1986), seguindo as postulações do modelo da Teoria da Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981 e 1986); na seção 2 serão apresentados ainda os diagnósticos apontados para o PE, a partir das propostas de Duarte (2003) e Eliseu (1984), e, por fim, na seção 3, propomos uma análise léxico-sintática para a caracterização de verbos considerados inacusativos do tipo *ir* e *chegar*, tomando por base o modelo de Princípios e Parâmetros (Cf. CHOMSKY, 1981 e 1986), bem como a hipótese lexicalista (Cf. REINHART, 2000, 2002; REINHART; SILONI, 2005).

## 1. Sobre a hipótese inacusativa

A observância de que os verbos não formam uma classe sintático-semântica homogênea não é um fato recente nos estudos lingüísticos. Prova disso é que a tradição gramatical já apresenta uma classificação quanto à transitividade dos verbos nos compêndios que orientam, em parte, nossa reflexão sobre a língua. Entretanto, a questão não parece ser tão pacífica como se apresenta em vários desses manuais de gramática, já que é possível observarmos que os critérios de classificação são, na maioria dos casos, incoerentes com os dados idiossincráticos que a língua apresenta.

No tocante à classificação de verbos como *ir*, *chegar*, *permanecer*, *partir*, *ficar*, *morar*, *surgir*, dentre outros, apesar de serem tidos como verbos intransitivos, parecem, como já reparado por vários estudiosos da língua (cf. BURZIO, 1986; DUARTE, 2003; ELISEU, 1984; PERLMUTTER, 1970, 1982), não ter um comportamento sintático como os prototípicos intransitivos. Vários gramáticos afirmam que esses verbos exigem além de um argumento na posição de sujeito, um “complemento adverbial de lugar” (cf. KURY, 1997). Nesse sentido, parece haver um indício de que o argumento preposicionado em sentenças construídas com esses tipos de verbo interfere na natureza sintático-semântica destes.

No que diz respeito aos estudos desenvolvidos no âmbito da teoria lingüística, esses verbos têm chamado a atenção de vários lingüistas, dentre eles, Perlmutter (1978, 1980), considerado o precursor da Hipótese Inacusativa, na Gramática Relacional, Burzio (1986), dentre outros, no âmbito da Gramática Gerativa, que ensaiam descrever e explicar a estrutura desses verbos não como um produto do comportamento lingüístico dos falantes, mas sim como um padrão universal, sendo parametrizável entre sistemas lingüísticos distintos.

Nesse sentido, defende-se em favor da distinção entre duas classes de verbo distintas, associadas à seleção de um único argumento. Os intransitivos prototípicos ou inergativos como *cantar*, *telefonar*, e uma subclasse dos cognominados verbos inacusativos ou ergativos<sup>1</sup>, como *chegar*, *brilhar*, *quebrar*, *ir*, *partir*, dentre outros que apresentam um comportamento sintático de superfície similar aos intransitivos, mas compreendem restrições léxico-sintáticas que não são licenciadas pelos intransitivos. Tem sido verificado que inacusativos não apresentam a propriedade sintática de atribuir Caso estrutural ao seu argumento interno e, como consequência, não licenciam um argumento externo.

---

<sup>1</sup> Em nota, na Gramática da Língua Portuguesa, no capítulo dedicado à “Família das Construções Inacusativas”, Duarte (2003, p. 510) esclarece que “Burzio chamou ergativos aos verbos inacusativos, uma designação enganadora, uma vez que nas línguas com sistema casual ergativo-absolutivo o caso ergativo é reservado ao argumento externo dos verbos transitivos e dos verbos inergativos, enquanto o objeto directo dos verbos transitivos e o sujeito dos inacusativos é marcado com caso absolutivo.”

Burzio (1986), ao desenvolver um estudo sobre a sintaxe do italiano, chega a concluir que verbos cognominados de “intransitivos” não constituem uma classe homogênea nessa língua, o que corrobora a *Hipótese Inacusativa* proposta por Perlmutter (1976, 1978). Essa conclusão só foi possível a partir das diferenças estruturais constatadas nas seguintes frases do italiano (cf. BURZIO, 1986, p. 20):

- (1)a. Ne arrivano molti.  
“Muitos deles chegam.”]
- b. \*Ne telefonato molti.  
“Muitos deles telefonam.”
- (2)a. Giovanni è arrivato  
“Giovanni chegou.”
- b. Giovanni ha telefonato.  
“Giovanni telefonou.”

A diferença estrutural encontrada em (1) diz respeito à gramaticalidade da frase (1a) construída com o verbo *arrivare* em que o clítico *ne* é produzido, ao contrário de (1b) com o verbo *telefonare*. Já nas frases em (2), a diferença reside na escolha do auxiliar aspectual: em (2a) usa-se o auxiliar *essere* com a frase construída com o verbo *arrivare*, ao passo que em (2b) é usado o auxiliar *avere* com o verbo *telefonare*.

Burzio propõe que o verbo *arrivare*, ao contrário de *telefonare* que é um verbo inergativo, pode ser denominado de ergativo (*inacusativo*) em virtude de não selecionar argumento externo. Nessa acepção, *arrivare* não é capaz de atribuir função- $\theta$  externa, sendo o seu argumento unicamente interno, o qual, quando movido de sua posição de base na estrutura-D à posição Spec, IP em Estrutura-S, passa a ser um sujeito derivado (cf. (2a) acima). A esse argumento interno não pode ser atribuído Caso acusativo pelo verbo, haja vista que este não seleciona um argumento externo, o que culmina na seguinte generalização, que ficou conhecida na literatura como *Generalização de Burzio*: “[...] only the verbs that can assign  $\theta$ -role to the subject can assign (accusative) Case to an object<sup>2</sup>.” (BURZIO, 1986, p. 178).

Em suma, a partir dos dois diagnósticos apresentados por Burzio para o italiano: a escolha do auxiliar aspectual e a cliticização *ne*, torna-se evidente que os argumentos internos de verbos inacusativos são objetos diretos em estrutura-D que, quando movidos de sua posição de base para a posição Spec, IP, uma posição não- $\theta$ , passam a ser sujeitos derivados.

Neste artigo, apesar de os dois diagnósticos acima referidos não poderem ser aplicados ao PB e ao PE, apresentaremos evidências nessas duas línguas (cf. seção 2 ) que corroboram a hipótese inacusativa, valendo ressaltar que os diagnósticos comumente utilizados para classificar um verbo como inacusativo no PB e no PE não podem ser aplicados a todas as classes de inacusativos, o que culmina, portanto, na não-homogeneidade dessa classe verbal.

## 2. Testes empíricos da inacusatividade para o português

---

<sup>2</sup> Apenas os verbos que podem atribuir função temática ao sujeito podem atribuir Caso (Acusativo) a um objeto.  
(Tradução nossa)

Assim como vários lingüistas buscaram evidências empíricas para uma caracterização dos verbos inacusativos, também no português, alguns pesquisadores se valeram das aporias advindas tanto de Perlmutter (1978), como de Burzio (1986) para fazer uma sistematização quanto aos mecanismos léxico-semântico-sintáticos envolvidos na discriminação do verbo inacusativo. Nesse contexto, destacam-se, por exemplo, os trabalhos de Duarte (2003) e Eliseu (1984) para o PE.

Em seu estudo sobre a classe dos verbos inacusativos no PE, Duarte (2003) apresenta evidências empíricas nessa língua que corroboram a predição de Burzio (1986) de que esses verbos não selecionam um argumento externo, mas apenas um argumento interno, ao qual não é atribuído Caso acusativo.

Duarte (op. cit., p. 510) observa que o sujeito derivado de um verbo inacusativo exibe propriedades de um argumento interno direto em orações com participio absoluto (cf. (3)), bem como comporta-se de forma similar aos sujeitos de verbos (in)transitivos pelo fato de o DP na posição sujeito poder, por exemplo, ser pronominalizado por um pronome nominativo (cf. (4)):

- (3)a. Chegados os miúdos,...
- b. Nascido o bebé ontem,...
- c. \*Vistos os miúdos o filme,...
- d. \*Tossido o bebé ontem,...
- e. Visto o filme,...
- f. Assinada a declaração,...

- (4)a. Eles chegaram.
- b. Ele nasceu.
- c. Eles viram o filme.
- d. Ele tossiu.

Um dos trabalhos que merece destaque, que é retomado por Duarte (2003), é o de Eliseu (1984) o qual, ao descrever construções com verbos inacusativos no PE, propõe alguns testes que, de um lado, os aproximam dos transitivos, como é o caso da possibilidade de ocorrerem em construção de participio absoluto e em construção de participio passado em posição predicativa e atributiva, e, por outro lado, os aproximam dos intransitivos pela impossibilidade de ocorrerem em construções passivas e por não ser possível a formação de adjetivos em *-vel*. Ao contrário dos (in)transitivos, os inacusativos não admitem nominalizações com o sufixo agentivo *-or*. Veja-se, a seguir, a aplicação desses testes para descrever o comportamento sintático desses verbos no PE<sup>3</sup>:

a) Construção de Participio Absoluto:

- (5)a. A Ana arrumou o quarto. (*transitivo*)
- b. Arrumado o quarto,...
- c. \*Arrumada a Ana,...
- (6) Crescidos os filhos, o João e a Rita foram viver para a província. (*inacusativo*)
- (7) \*Corridos os atletas, o governo promoveu uma homenagem. (*intransitivo*)

b) Construção de participio passado em posição predicativa:

---

<sup>3</sup> Todos os exemplos são extraídos de Eliseu (1984).

- (8) A solução está encontrada. (*transitivo*)
- (9) A Maria está crescida. (*inacusativo*)
- (10) \*Os atletas estão corridos. (*intransitivo*)

c) Construção de particípio passado em posição atributiva:

- (11) As soluções encontradas não são satisfatórias. (*transitivo*)
- (12) As meninas crescidas não choram. (*inacusativo*)
- (13) \*Os atletas corridos foram homenageados pelo governo. (*intransitivo*)

d) Construção passiva

- (14) A solução foi encontrada (*transitivo*)
- (15) \*A Maria foi crescida. (*inacusativo*)
- (16) \*Os atletas foram corridos. (*intransitivo*)

e) formação de adjetivos em *-vel*:

- (17) resolúvel
- (18) \*crescível
- (19) \*corrível

f) nominalizações com um sufixo agentivo *-or*:

- (20) emissor
- (21) \*crescedor
- (22) corredor

Levando em conta o comportamento assimétrico entre verbos intransitivos e inacusativos, Duarte (2003) também apresenta evidências de que os segundos verbos não constituem uma classe verbal homogênea no PE, o que a leva a classificá-los da seguinte forma: a) verbos de mudança de estado (como *corar, desmaiar, empalidecer, crescer, florir, morrer*), b) verbos de movimento (como *cair, chegar, partir, descer, subir, entrar, sair, ir, vir*), c) verbos de existência que se subdividem em existenciais (como *constar, existir, perdurar*), existenciais locativos (como *morar, residir, viver*) e verbos que denotam ausência ou carência (como *escassear, faltar*), e d) verbos de aparição (como *aparecer, brotar, surgir, desaparecer, eclipsar-se, sumir-se, acontecer, ocorrer*).

Entre os verbos de mudança de estado, a autora inclui os verbos de alternância causativa (como *abrir, derreter, quebrar*), que se caracterizam pelo fato de o argumento interno do verbo da variante transitiva causativa poder vir a ser um sujeito derivado na variante inacusativa derivada daquela (cf. (23b)). Alguns diagnósticos que evidenciam que esse sujeito derivado corresponde ao objeto direto na estrutura-D da variante transitiva dizem respeito à impossibilidade de ocorrerem DPs subcategorizados por P que tenham o traço [+agentivo] (cf. (23c)), orações finais (cf. (23d)) e advérbios orientados para o sujeito (como *deliberadamente, intencionalmente, propositadamente*) (cf. (23e)):

- (23)a. A Maria derreteu [a manteiga]<sub>Tema</sub>.
- b. [A manteiga]<sub>Tema</sub> derreteu.

- c.\*A manteiga derreteu *pela Maria*.
- d. \*A manteiga derreteu *para fazer a tarte*.
- e. \*A manteiga derreteu *intencionalmente*.

Estabelecendo um paralelo entre a análise de Burzio (1986) e a análise de Duarte (2003, p. 515-516) para a frase em (23b), em que o sujeito derivado *a manteiga* corresponde ao objeto direto da variante causativa transitiva em (23a), observo que nas frases do italiano em (24) essa predição torna-se ainda mais evidente quando são possíveis não só frases como (24b) em que há um sujeito derivado: *Due navi nemiche*, mas também pelo fato de ser possível a cliticização-*ne* (cf. 24c):

- (24)a. L'artiglieria affondo due navi nemiche.  
“A artilharia afundou dois navios inimigos.”
- b. Due navi nemiche affondarono.  
“Dois navios inimigos afundaram.”
- c. Ne affondarono due.  
“Dois deles afundaram.”

(BURZIO, op. cit., p. 25)

Outro ponto de similaridade entre as construções com verbos de alternância causativa no italiano e no PE diz respeito à presença do clítico *ergativo* na variante inacusativa em (25b') que difere do clítico reflexivo em (25a')

- (25)a. Maria si guarda.  
a'. A Maria se cuida.
- b. Il vetro si rompe.  
b'. O copo quebrou(-se)

Analisando agora o comportamento dos verbos inacusativos de mudança de estado que denotam eventos com causa interna, Duarte (2003) apresenta as seguintes razões que os diferem dos verbos de alternância causativa:

- a) não possuem uma variante causativa transitiva:

- (26)a. A Maria empalideceu.  
a'. \*O susto empalideceu a Maria

- b) não admitem adjuntos do tipo *por si só*:

- (27)a. \*A Maria empalideceu *por si só*.

De mais a mais, o diagnóstico utilizado por Eliseu (1984) referente à possibilidade de verbos inacusativos no PE ocorrerem em construções com participios absolutos e em construção de participio passado em posição predicativa pode ser aplicado apenas com alguns desses verbos, o que implica dizermos que os testes propostos por esse autor não podem ser aplicados a todas as classes desses verbos. Observe-se a agramaticalidade das construções com participio absoluto em (28a) e das construções de participio passado em posição predicativa em (28a')

- (28)a. \*/? Empalidecida a Maria...  
a'. \*/? A Maria está empalidecida.

Um comportamento similar aos contrastes apresentados em (28) pode também ser encontrado com os verbos inacusativos de movimento que, segundo Duarte e Brito (2003, p.184), além de selecionarem um argumento interno, selecionam também um PP como complemento, como é o caso do verbo *partir*:

- (29) [Os atletas] partiram [para Estocolmo] ontem à noite.

Nas frases, a seguir, tomando por base os diagnósticos propostos por Eliseu (1984), verbos de movimento são inacusativos pela possibilidade de ocorrerem em construção de particípio absoluto (cf. (30)), valendo salientarmos que, quanto ao uso desses verbos em construção de particípio passado em posição predicativa, há um bloqueio quase que total, exceto quando se trata do verbo *cair* (cf. (31a)):

- (30)a. Caído o cortinado,...  
b. Chegado o João,...

- (31)a. O cortinado está caído.  
b. \*O João está chegado.

Passando, agora, à análise dos verbos existenciais locativos, Duarte (2003, p. 546) observa que “não podem ocorrer na construção de Particípio Absoluto [...]” contrariamente ao que está previsto em Eliseu (op. cit.) (cf. (32a)). Uma das propriedades que caracteriza esses verbos inacusativos é a de que selecionam um PP locativo que pode ocupar a posição pré-verbal nas chamadas construções de inversão locativa, conforme ilustrado em (33a'):

- (32)a. \*Morado o João...

- (33)a. O Pedro mora em Telheiras.  
a'. Em telheiras mora o Pedro.

Quanto à quarta classe de verbos inacusativos que tem a ver com os verbos de aparição, Duarte (2003, p. 547) observa que selecionam além do DP, um PP locativo, assemelhando-se aos existenciais locativos, por poderem ocorrer em construções de inversão locativa. A única diferença entre eles é que, enquanto os primeiros descrevem um estado, os segundos descrevem uma mudança de estado. Vejam-se, agora, as seguintes frases construídas com um verbo de aparição como *aparecer*:

- (34)a'. Um fantasma de voz cavernosa apareceu na biblioteca.  
a''. Na biblioteca apareceu um fantasma de voz cavernosa.

Em resumo, com base no acima exposto, todos os verbos inacusativos no PE estudados por Duarte (2003) e Eliseu (1984), ao contrário dos (in)transitivos, vêm corroborar à *Generalização de Burzio*, segundo a qual verbos desse tipo têm por propriedade substantiva não selecionarem argumentos externos, mas apenas argumentos internos. E ainda, há evidências empíricas convincentes de que não formam uma classe homogênea.

## 2.1. Alguns problemas

No tocante aos verbos de movimento/localização do tipo *ir* e *chegar*, observa-se que os testes até então apresentados não são corroborados, pelos seguintes fatos:

(i) as construções de particípio passado não são boas no PB:

- (35) a. \*Chegado o João...
- b. \*Ido o João...<sup>4</sup>

Quando construídas com o PP complemento, o efeito estrutural é ainda pior:

- (36) a. \*Chegado o João a/em Lisboa.
- b. \*Chegado a/em Lisboa o João.
- c. \*Ido o João a/para/em Lisboa.
- d. \*Ido a/para/em Lisboa o João.

(ii) inexistência de construções de particípio passado em construções predicativas (cf. (37)) nem atributivas (cf.(38)):

- (37) a. \*O João está chegado.
- b. \*O João está ido.

- (38) a. \*O João chegado parece cansado.
- b. \*O João ido parece cansado.

(iii) o sujeito, ao contrário do que postula Eliseu (1984), pode ter uma interpretação agentiva, não pela nominalização em *-or*, mas a partir de contextos (advérbios orientados para o sujeito (cf. (39)), o teste da causalidade (cf. (40)) e a adjunção de uma oração final (cf. (41)), que salientam o traço [+volitivo], [+ agentivo] do sujeito:

- (39)a. O João/\*A carta foi voluntariamente/ propositadamente/ intencionalmente/  
      a/para/em Lisboa.

- b. O João/\*A carta chegou voluntariamente/ propositadamente/  
      intencionalmente a/em Lisboa.

- (40) a. O João/\*A carta foi a/para/em Maceió por acaso/sem querer.
- b. O João/\*A carta chegou a/na cidade por acaso/sem querer.

- (41) a. O João/\*A carta foi à/para/na universidade para dar aulas.
- b. O João/\*A carta chegou à/na universidade para participar da reunião.

A partir do acima exposto, apresentamos, na próxima seção, uma análise em que verbos do tipo *ir* e *chegar* têm uma estrutura argumental que compreende também o PP complemento, sendo possíveis construções inacusativas com esses tipos de verbos, estas derivadas de operações lexicais que operam na estrutura temática (Cf. REINHART, 2000).

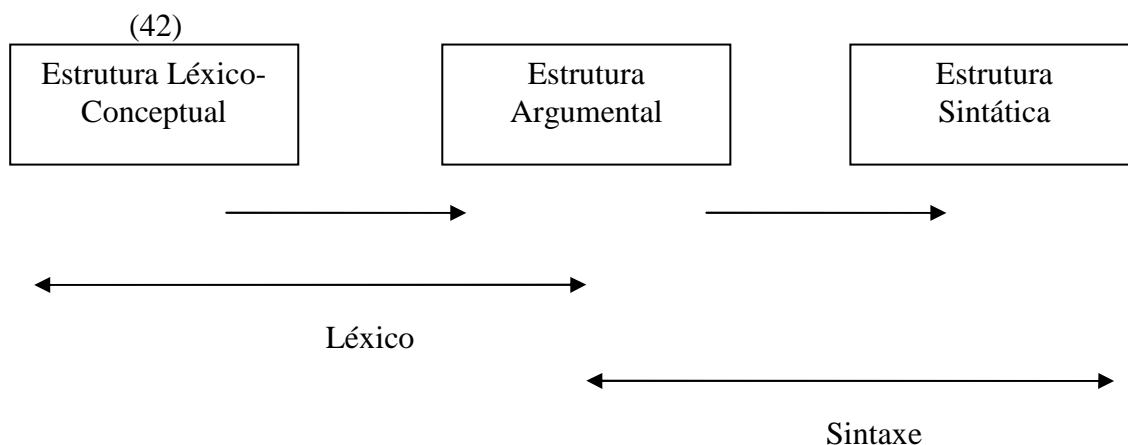
---

<sup>4</sup> As construções de particípio passado com o verbo *ir* são ruins também no PE.



### 3. Por uma análise léxico-sintática de verbos inacusativos do tipo *ir* e *chegar*

Seguindo a descrição apontada por Alexiadou, Anagnostopoulou & Everaert (2003), é possível assumirmos que a representação léxico-semântica do predicado, mais conhecida como Estrutura Léxico-Conceptual (ELC), prevê uma base semântica única para cada predicado realizado ou para uma classe de predicados. Nesse sentido a ELC decompõe o sentido do verbo em sua estrutura apresentando variáveis e meta-predicados, como *CAUSE*, *BE*, etc. No que diz respeito à representação léxico-sintática, as propriedades lexicais são especificadas em termos de argumentos requeridos pelo tipo de verbo, como também em que posição sintática esses argumentos irão aparecer. Daí, é também assumido por muitos que a distinção entre inacusativos/ínergativos vai ocorrer nesse nível de organização estrutural: a Estrutura Argumental (EA). Diferentemente do que é previsto na ELC, na AS não se especificam diferentes tipos de predicados ou classe de predicados, mas aponta-se para o fato de que dois diferentes predicados, como *andar* e *dormir*, por exemplo, apresentam a mesma estrutura argumental. Embora conceptualmente diferentes, ELC e EA são parte da representação dos itens lexicais, distintas, no entanto, na sintaxe. Essas duas estruturas refletem na Estrutura Sintática (ES) as propriedades já definidas por cada uma delas. Enquanto a partir da ELC a sintaxe vai ser mapeada através de *linking rules*, a partir da EA como representação da relação semântica entre o núcleo verbal e seus argumentos. Disso, é assumido que a ES não opera nas estruturas anteriores a ela, como mostra o esquema abaixo:



Daí, verificamos então que as questões que permeiam a distinção entre ínergativo/inacusativo podem ser sistematizadas, como as que se seguem:

- (i) São os predicados inacusativos uma classe semanticamente definida? Se correto, isso vai se dar na ELC ou na EA? Levando-se em conta esses diferentes níveis, ambos associados ao léxico, seria correto assumirmos que em cada um deles haveria traços semânticos que conduzissem à distinção entre ínergativo/inacusativo?
- (ii) A distinção entre ínergativo/inacusativo é mapeada na sintaxe?
- (iii) Qual o papel da EA?<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Essas questões foram aqui sintetizadas, a partir das suposições apresentadas em Alexiadou, Anagnostopoulou, & Everaert (2003).

A partir desses questionamentos, pontuamos que as respostas não são fáceis de serem dadas, haja vista que, dependendo do olhar de cada pesquisador, podem-se encontrar evidências que justifiquem cada uma delas.

Retomando um pouco alguns aspectos do que já foi aqui apresentado, é importante apontarmos que os verbos do tipo *ir e chegar*, considerados inacusativos, exibem um comportamento que os difere dos “prototípicos” inacusativos, o que parece apontar alguns problemas quanto à categorização de que esses tipos de verbo apenas selecionam um único argumento, e este gerado na posição de objeto direto.

Se fôssemos levar em consideração apenas os dados em que aparecem um sujeito sintático nas construções inacusativas com verbos do tipo *ir e chegar*, a discussão, que tecemos nessas linhas, não faria sentido. No entanto, ao pontuarmos que esses tipos de verbo selecionam, para além de um argumento, também um PP complemento, acreditamos que essa proposta alternativa pode ter uma linha de diálogo, a partir de Princípios já apresentados da teoria de Princípios e Parâmetros (Cf. CHOMSKY, 1981 e 1986), bem como numa interface com uma hipótese lexicalista (Cf. REINHART, 2000, 2002), em que a Estrutura Argumental desempenha papel crucial para a caracterização do tipo de verbo.

Dado o contraste apresentado em (43), questionamo-nos: assumindo que o léxico é minimamente simples, qual das formas deve ser considerada ao nível da Estrutura Argumental?

- (43) a. O João chegou a/em Lisboa.  
b. O João/a carta chegou.

Ao assumirmos com Reinhart (2000, p. 3) que

[...] the Theta system is the central system of the systems of concepts. The theta system contains (at least) lexical entries, which are coded concepts, the  $\theta$ -relations of verb-entries, and a set of operations on lexical entries. The inputs of the CS (syntax) are lexical items selected from the Theta system. Its outputs are representations legible to the Inference, Context, and Sound systems<sup>6</sup>.

argumentamos a favor de uma interface do sistema temático com a sintaxe, passando pelos sistemas de inferência, o que está, inclusive, de acordo com o Princípio de Projeção.

Complementando, então, essa linha de raciocínio, e retomando os dados de (160), seria correto apontarmos que temos duas entradas lexicais para os verbos do tipo *chegar*? Ao pontuar que o léxico é minimamente simples e finito, argumentamos em favor do Princípio da Uniformidade Lexical já postulado por Reinhart (2000, p. 5) que diz:

(44) Lexicon Uniformity Principle

Each verb-concept corresponds to one lexical entry with one thematic structure. The various thematic forms of a given verb are derived by lexicon-operations from one thematic structure<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> [...] o sistema temático é o sistema central dos sistemas de conceitos. O sistema temático contém (pelo menos) entradas lexicais, que são conceitos codificados, as relações temáticas de entradas verbais, e um ambiente de operações sobre as entradas lexicais. As entradas da (CS) (sintaxe) são itens lexicais selecionados do sistema temático. Suas saídas são legíveis interpretações aos sistemas de Inferência, Contexto e Som. (Tradução nossa)

<sup>7</sup> Princípio da Uniformidade Lexical:

Desse Princípio, Reinhart (op. cit.) pontua que as diferentes formas que o verbo pode apresentar na sintaxe têm a ver com operações realizadas no léxico: redução e saturação, o que vai gerar consequências na sintaxe, haja vista que essas operações representam uma redução efetiva quanto à valência do verbo.

Daí então que, apresentando as evidências, a seguir, de que os verbos do tipo *ir* e *chegar* selecionam um PP argumento, é pertinente apontarmos que esses tipos de verbo, apesar de serem tratados como “prototipicamente” inacusativos, que relacionam um tema a um lugar, apresentam um comportamento que nos faz assumir que são verbos de dois lugares.

- ✓ O PP complemento, obrigatoriamente, vem logo adjacente ao verbo (cf. (45) e (46)), contrariamente ao que ocorre com os PPs adjuntos (cf. (47)):

(45) a. O João foi ao/para /no cinema. (\*PE com *em*)  
a'. Foi ir ao/para/no cinema o que o João fez.  
a''. \*Foi ir o que o João fez ao/para/no cinema.  
a'''. \*Foi ao/para/no cinema o que o João fez ir.

(46) a. O João chegou a/em casa. (\*PE com *em*)  
a'. Foi chegar a/em casa o que o João fez.  
a''. \*Foi chegar o que o João fez a/em casa.  
a'''. \*Foi a/em casa o que o João fez chegar.

(47) a. O João trabalha em Maceió.  
a'. Foi trabalhar em Maceió o que o João fez.  
a''. Foi trabalhar o que o João fez em Maceió.

- ✓ O PP nos contextos estruturais dados não deve ser tratado como núcleo de uma *small clause*<sup>8</sup>: a) por não poder apresentar acordo com um expletivo, como as construções com *there-insertion*<sup>9</sup> no inglês (cf. (48)); b) porque o complexo V+P apresenta restrições seletivas em relação a seus argumentos, diferentemente do que é dado numa *small clause* (cf. (49)):

(48) a. \*Expl. Foi o João ao/para/no cinema.  
b. \*Expl. Chegou o João a/em Lisboa.

(49) a. O João foi ao/para/no cinema.  
b. \*# A carta foi ao/para/no cinema.  
c. O João foi embora para Portugal.  
d. \*O João foi embora a/em Portugal.  
e. O João chegou a/em casa.  
b. \* O João chegou para casa.

---

Cada conceito verbal corresponde a uma entrada lexical com uma estrutura temática. As várias formas temáticas de um dado verbo são derivadas por operações lexicais de uma estrutura temática. (Tradução nossa)

<sup>8</sup> Em português, traduz-se: oração pequena.

<sup>9</sup> Em português, traduz-se: inserção do expletivo “there”

- ✓ O PP complemento de verbos do tipo *ir* e *chegar* não é opcional na sintaxe: pode ser saturado na sintaxe em função de um contexto discursivo ou uma anáfora pragmática, pois o PP, nos contextos estruturais dados, não apresenta o mesmo comportamento de objetos ‘opcionais’ acusativos, que podem ser saturados no léxico (cf. (50)):

- (50) a. O João comeu (o bolo) bem.  
a'. Foi comer bem o que o João fez.  
a''. Foi comer o que o João fez bem.  
b. O João chegou a/em casa.  
b'. \*Foi chegar o que o João fez.  
c. O João foi a/para/ no cinema.  
c'. Foi ir o que o João fez.

Outro aspecto importante está relacionado ao tratamento dispensado ao “sujeito” dessas construções. Quando da realização de um PP complemento, o complexo V+P atribui uma função- $\theta$  externa ao sujeito, sendo esta [+ agentiva], em conformidade com o que já tinha sido pontuado para o PE e para o inglês por Xavier (1989), conforme mostram os exemplos abaixo:

- (51) a. O João/\*A carta foi voluntariamente/ propositadamente/ intencionalmente/  
a/para/em Lisboa.  
b. O João/\*A carta chegou voluntariamente/ propositadamente/  
intencionalmente a/em Lisboa.
- (52) a. O João/\*A carta foi a/para/em Maceió por acaso/sem querer.  
b. O João/\*A carta chegou a/na cidade por acaso/sem querer.
- (53) a. O João/\*A carta foi à/para/na universidade para dar aulas.  
b. O João/\*A carta chegou à/na universidade para participar da reunião.
- (54) a. Se chega rapidamente à/na cidade por este caminho.  
a'. \*Ele se chega rapidamente à/na cidade por este caminho.  
b. Se vai frequentemente à/para/na festa com roupas esportivas.  
b'. \*Ele se vai frequentemente à/para/na festa com roupas esportivas.

Evidência também é dada no inglês, nas construções com o sujeito pleonástico *there*, em que, conforme já apontado por Burzio (1986), ocorre em sentenças com Tema, mas não com Agente. Tal asserção não se verifica nos dados já apresentados por Xavier (1989):

- (55) a. A man arrived at the faculty.  
b. \*There arrived a man at the faculty.  
c. \*There arrived at he faculty a man.
- (56) a. A man came to the faculty.  
b. \*There came a man to the faculty.  
c. \*There came to the faculty a man.
- (57) a. A man came to John and asked...

- b. \*There came a man to John and asked...
- c. \*There came to John a man and asked...

Daí, concluímos que o conteúdo preposicional do PP complemento, além de bloquear a “coindexação” com o *there*, favorece também uma interpretação [+ agentiva] do sujeito.

Então, como postula o Critério- $\theta$  que

(58) Critério- $\theta$ :

- (i) Cada argumento numa representação sintática é suporte de uma e uma só função- $\theta$ .
- (ii) Cada função - $\theta$  numa estrutura argumental é atribuída a um e um só argumento numa representação sintática (Cf. CHOMSKY, 1986)

E, como também, todo DP realizado precisa receber Caso e, especificamente, nas sentenças construídas com verbos do tipo *ir* e *chegar* + PP, não é o PP quem precisa receber Caso, mas sim o DP subcategorizado por P, este atribui Caso inerente ao seu DP complemento, ao passo que o PP é complemento L-marcado por V.

Mediante as evidências aqui apresentadas, propomos que as Estruturas Argumentais de verbos do tipo *ir* e *chegar* são configuradas, como se seguem:

*Ir*  $\theta_1, \theta_2$   
 grelha –  $\theta$ : y (Tema/Agente), z (Lugar)  
 subcategorização: +V, [- DP PP]

*Chegar*  $\theta_1, \theta_2$   
 grelha –  $\theta$ : y (Tema/Agente), z (Lugar)  
 subcategorização: +V, [- DP PP]

O que temos em questão então é: se os verbos do tipo *ir* e *chegar* são verbos de dois lugares, conforme acima apontado, que dizer então das construções em que o sujeito sintático é (- humano) e (Tema), como em (59)?:

(59) A carta chegou.

Assim, surge uma questão, no mínimo curiosa: enquanto assumimos que verbos do tipo *ir* e *chegar* têm um sujeito temático em sua entrada lexical, a nós nos custa aceitarmos que no exemplo (59) o sujeito sintático dessas construções ocupe uma posição-A. Essa predição pode ser evidenciada a partir do teste da ligação argumental, em que este aponta que, quando um DP sujeito está numa posição-A, sofre efeitos de ligação, conforme em (60). No entanto, o mesmo não ocorre no exemplo (61):

- (60) a. O João<sub>i</sub> chegou a/em sua<sub>i</sub> casa.
- b. O João<sub>i</sub> foi a/para/em sua<sub>i</sub> cidade natal.

(61) \*A carta<sub>i</sub> chegou a/em sua<sub>i</sub> casa.

Decorre, então, das evidências acima apresentadas que as estruturas, em termos de realizações sintáticas, são distintas, o que implica considerar que as operações de derivação –

lexicais ou morfológicas – afetam as estruturas ou acrescentando um argumento ou alterando a natureza dos argumentos, ou seja, a definição inicial de um dado argumento como externo ou interno (Cf. ELISEU, 1984, p. 70). Sobre a discussão da natureza do argumento, deixamos para trabalhos futuros.

## Conclusão

Neste artigo, visamos apresentar que os verbos inacusativos são diferentes dos inergativos no sentido de que aqueles podem apresentar um sujeito sintático que é, na verdade, um objeto nocional, ou semântico. Ademais, ficou evidenciado que os inacusativos podem ser agrupados em classes semânticas distintas.

A tipologia verbal aqui apresentada, que faz a distinção entre inacusativos e inergativos, teve uma forte implicação nas construções analisadas. Consideramos que os verbos do tipo *ir* e *chegar*, conhecidos como inacusativos, por apresentarem um Tema como argumento interno, exibem, ao contrário do que foi postulado pelos diagnósticos explicitados, um comportamento léxico-sintático distinto dos “prototípicos” inacusativos. Sendo assim, ficou assente que os verbos inacusativos não formam uma classe homogênea, haja vista os contra-exemplos apresentados aos diagnósticos para conferir a inacusatividade.

No que diz respeito aos verbos do tipo *ir* e *chegar*, assumimos, fundamentados na Hipótese da Uniformidade Lexical, de Reinhart (2000), como também nas teorias Temática e do Caso, que eles apresentam em suas entradas lexicais dois argumentos, e não apenas um, o que nos compete pontuarmos que os sujeitos dos verbos do tipo *ir* e *chegar* + PP não podem ser tratados como um objeto nocional ou semântico em posição de sujeito derivado, mas sim um sujeito temático. Ademais, permitem construções inacusativas, caracterizadas, na sintaxe, pela redução ou apagamento de um argumento, o que nos faz advogar que essas construções são já derivadas da Estrutura Argumental de base.

**ABSTRACT:** This paper discusses the inacusativity in Portuguese grammar, based on sentence structures that have verbs such as *to go* and *to arrive*. For this, we use introspection data. The main goal of this study is to contribute to a better comprehension of the lexic-syntactic mechanisms involved in the analyzed structure contexts. Based on theoretical presumptions from Principles & Parameters framework (CHOMSKY, 1981 and 1986) and Lexical Uniformity Hypothesis's predictions (REINHART, 2000), we conclude that these verbs have two arguments. Furthermore, we show evidences that inaccusative verbs are a non-homogeneous class.

Keywords: inacusativity; portuguese, lexicon; syntax

## Referências bibliográficas

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOLOU, E.; EVERAERT, M. *The unaccusativity puzzle: explorations of the syntax-lexicon interface*. London: Oxford University Press, 2003.

BURZIO, L. *Italian Syntax. A government-binding approach*. Dordrecht: Reidel Publish Company, 1986.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. London: Praeger Publishers, 1986.

DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p.507-548.

ELISEU, A. *Verbos ergativos do português. descrição e análise*. 1984. Monografia para Provas de Aptidão Pedagógica e Científica. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 1984.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1997.

PERLMUTTER, D. M. Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: *Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. University of California, Berkeley, 1970. p. 157-189.

PERLMUTTER, D. M. *Evidence for subject downgrading in Portuguese*. Amsterdam/New York: Oxford University Press, 1982.

REINHART, T. *The theta system: syntactic realization of verbal concepts*. Utrecht: OTS Working Paper, 2000.

REINHART, T. The theta system: an overview. *Theoretical Linguistics*, n. 28, p. 229-290, 2002.

REINHART, T.; SILONI, T. The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other arit operations, *Linguistic Inquiry*, n. 36, v. 3, p. 389-436, 2005.

XAVIER, M. F. *Argumentos preposicionados em construções verbais: um estudo contrastivo das preposições a, de e to, from*. Dissertação de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa, 1989.

RECEBIDO EM 15/08/2010 – APROVADO EM 26/01/2011